

PERCEPÇÕES DA PAISAGEM NATURAL E CULTURAL DA SERRA DO GIGANTE NO MUNICÍPIO DE ITAPURANGA - GOIÁS

PERCEPTIONS OF THE NATURAL AND CULTURAL LANDSCAPE OF SERRA DO GIGANTE IN THE MUNICIPALITY OF ITAPURANGA - GOIÁS

293

Milena Maria Rezende Freitas
Universidade Estadual de Goiás (UEG)
milenamariarf@hotmail.com
<https://orcid.org/0009-0001-8902-8434>

Ana Karolyna Nunes Amaral
Universidade Estadual de Goiás (UEG)
ana.nunes.ufg@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-9406-7067>

Resumo: O presente trabalho visa compreender os aspectos da paisagem natural e cultural da Serra do Gigante, localizada no município de Itapuranga-GO, por parte da população local e das proximidades. Nesse sentido, foi elaborado um questionário de opinião pública, com o objetivo de compreender como a Serra do Gigante está inserida na vivência da sociedade local, bem como visitas técnicas na cachoeira e em seu entorno. Os resultados indicaram que 66 % dos entrevistados conhecem o local, sendo a Cachoeira do Gigante um dos pontos mais visitados. Sobre o fato de o local estar inserido em uma APA (Área de Proteção Ambiental), 43 % dos entrevistados disseram não ter conhecimento sobre isso. Em relação aos mitos que existem em torno da Serra do Gigante, apenas 30 % dos entrevistados afirmaram ter, de fato, conhecimento. Conclui-se que a Serra do gigante, além de compor a paisagem natural e ser palco de histórias mitológicas que ecoam no imaginário da população, é caracterizada também como uma paisagem cultural.

Palavras-chave: Paisagem Natural. Paisagem Cultural. Serra do Gigante.

Abstract: The article aims to understand the aspects of the natural and cultural landscape of Serra do Gigante, located in the municipality of Itapuranga-GO, by the local population and the surroundings. In this sense, a public opinion questionnaire was prepared, with the aim of understanding how Serra do Gigante is inserted in the experience of local society, as well as technical visits to the waterfall and the surroundings of Serra do Gigante. The results indicated that 66% of respondents know the place, with Cachoeira do Gigante being one of the most visited spots. About the fact that the place is inserted in an APA (Environmental Protection Area), 43% of the interviewees said they had no knowledge about this. Regarding the myths that exist around Serra do Gigante, only 30% of respondents said they actually knew about it. It is concluded that the Serra do Gigante, in addition to composing the natural landscape,

Building the way

is also the stage of mythological stories, which echo in the imagination of the population, which also characterizes it as a cultural landscape.

Keywords: Natural Landscape. Cultural Landscape. Serra do Gigante.

Introdução

294

A definição de paisagem é originária do século XV e obtida por meio de um enquadramento, uma janela que possibilita o sujeito a observação (CLAVAL, 2012). Esse conceito passa a sofrer interferências quando, a partir de 1420, Brunelleschi descobre (ou redescobre) as leis da perspectiva. Ou seja, a paisagem da janela muda conforme a perspectiva do sujeito que a olha. Nesse sentido, Claval (2012) ressalta o que pode gerar confusão, e cabe ao geógrafo analisar a paisagem e multiplicar os pontos de vista, não a descrevendo somente da perspectiva de perto ou de longe, de cima ou de baixo, mas a partir de uma perspectiva crítica.

Para Bertrand (1972), a paisagem é uma combinação dinâmica, de elementos físicos, biológicos e antrópicos, em uma determinada porção do espaço, que não pode ser definida apenas pelos elementos geográficos. Nesse sentido, a paisagem não pode ser compreendida somente como algo natural, deve-se, também, considerar todas as implicações antrópicas da ação humana. Assim,

a paisagem nos permite apenas supor um passado. Se quisermos interpretar cada etapa da evolução social, cumpre-nos retomar a história que esses fragmentos de diferentes idades representam juntamente com a história tal como a sociedade escreveu de momento em momento. (SANTOS, 1985 p.86).

Segundo Castriota (2009), a paisagem cultural, embora seja um termo novo e em construção, vem ganhando espaço nas discussões sobre patrimônio. O conceito elaborado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 2009, considerou como paisagem cultural brasileira “[...] a porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas, ou atribuíram valores” (IPHAN, 2009). Nesse sentido, percebe-se que, além do conceito de patrimônio, a paisagem cultural se apresenta nas interações entre o homem e a natureza, principalmente na formação de hábitos de apropriação dos meios.

Building the way

A paisagem cultural é compreendida por Scifoni (2016) como um “conjunto espacial de elementos materiais” que é associada às morfologias e às dinâmicas naturais, mas também que se relaciona e interfere na dinâmica social. Do ponto de vista da preservação da paisagem cultural, o que se observa é o caráter peculiar do recorte com a relação que ele exerce na sociedade, que pode ser adquirido conforme o passar do tempo, ou mesmo mediante a apropriação da natureza.

295

É importante compreender que a percepção, interação e interpretação da paisagem natural e cultural são carregadas de subjetividade. O estudo sobre a paisagem vai muito além da descrição dos componentes bióticos e abióticos, uma vez que, para cada um, ela é carregada de traços que envolvem afetividade e memória.

Nesse sentido, apresenta-se a contribuição de Castro (2019) sobre a percepção da paisagem natural, em que o mito pode ser manifestado através do imaginário. Para ele,

os mitos podem ser criados a partir de elementos naturais que destoam no horizonte paisagístico das pessoas ou de áreas edificadas pela ação humana, ou mesmo são capazes de prescindirem de ambos e se manifestarem em um espaço imaginário dos sonhos, por exemplo (CASTRO, 2019, p. 44).

O autor traz as considerações de pensadores da Geografia Humanista e da Geografia Cultural para compreender as dimensões espaciais que tanto pode ser objetiva e parte da realidade; quanto subjetiva, pertencente ao imaginário da sociedade. Nesse sentido, dois autores apresentam o conceito de mitologia, sob influência da Geografia Cultural e Humanista: Eliade (1991) e Castro (2019). Para o primeiro, a mitologia se dá pela “ruptura do tempo e do mundo enquanto realidade tátil é perceptível (ELIADE, 1991)”. Já para o segundo, ela se apresenta no “horizonte paisagístico das pessoas” (CASTRO, 2019).

Desta forma, Castro (2019) apresenta a Geografia Cultural como uma ferramenta para compreensão do mito nas esferas regionais, onde o mito pode ser adaptado conforme a cultura de determinada região, como nas manifestações culturais, festivas, religiosas, e na paisagem natural e cultural.

Segundo dados de Ribeiro et al. (2013), o Brasil possui 18 bens culturais e naturais reconhecidos pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Dentre eles, no Cerrado, constam dois: o Parque

Building the way

Nacional da Chapada dos Veadeiros e Parque Estadual das Emas. Na Chapada dos Veadeiros, é possível observar a subjetividade por meio da paisagem natural e cultural, uma vez que, carregada de diversidade geológica e geomorfológica, é conhecida pelos atrativos turísticos e pela busca espiritual, bem como traz diversos mitos relacionados a aparições extraterrestres que fomentam o turismo no lugar (BORGES, 2022).

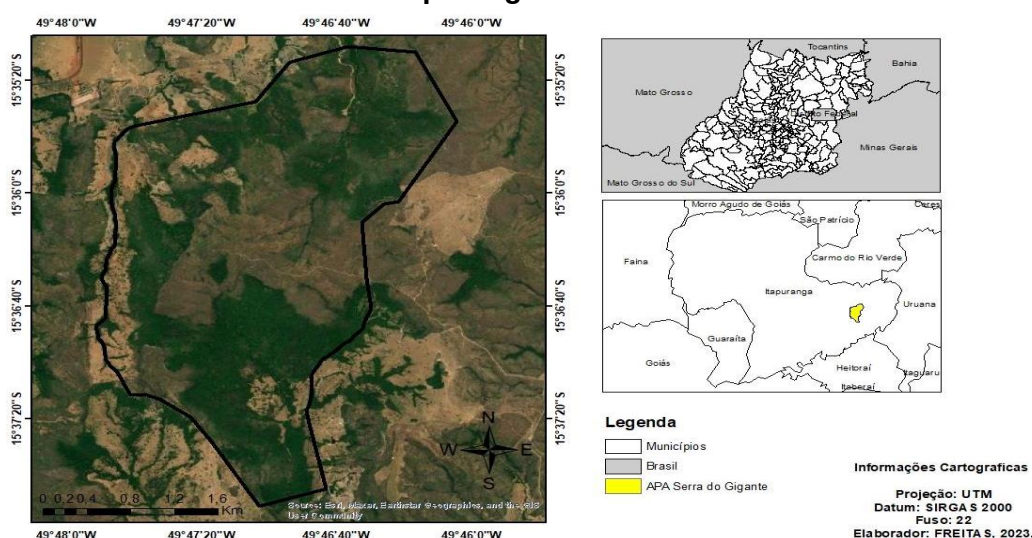
296

Diante disso, o presente artigo tem como objetivo compreender a percepção da sociedade, dos aspectos da paisagem natural e cultural da feição geológica localizada na Área de Preservação Ambiental (APA) da Serra do Gigante, localizada no Município de Itapuranga – Goiás.

Caracterização da área de estudo

O município de Itapuranga localiza-se na região noroeste do Estado de Goiás, pertencente a mesorregião do Centro Goiano e a Microrregião de Ceres, limitando-se aos municípios de Heitorai, Uruana, Carmo do Rio Verde, Goiás, Morro Agudo e Guaraíta (IBGE, 2010), conforme o mapa da Imagem 1. Segundo Rosa (2020), o nome Itapuranga vem da origem Tupi e significa “lugar de pedras bonitas”. Anteriormente, o município de Itapuranga era denominado como Xixá, proveniente de uma árvore (Xixázeiro), onde foi celebrada a primeira missa campal.

Imagem 1: Mapa de Localização da APA da Serra do Gigante, no município de Itapuranga – Goiás



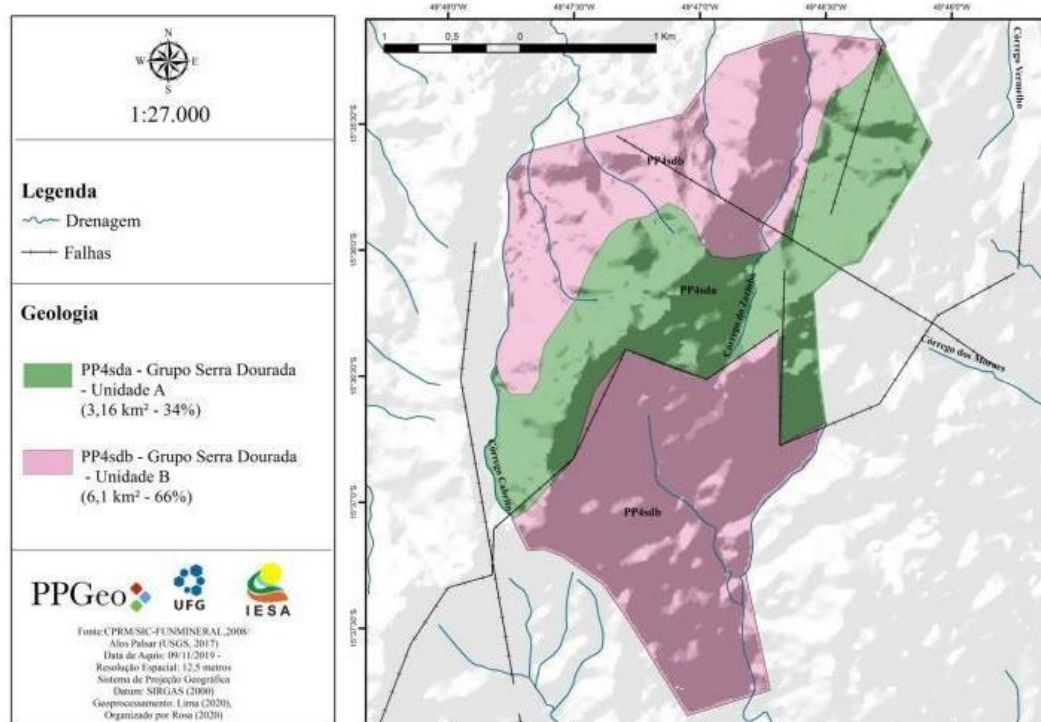
Fonte: Autores (2023)

Building the way

A origem de sua povoação se deu em 1933, quando frades dominicanos requereram do Estado o título de posse de um lote de terras devolutas, situado na margem esquerda do Ribeirão Canastra (MATOS; MARIN, 2009).

A Serra do Gigante, localizada no município de Itapuranga, está situada no Planalto Central Brasileiro e faz parte do Grupo Serra Dourada, que, segundo DANNI et al. (1973), faz parte da Bacia Intracontinental Paleo-Mesoproterozóica da Sequência pós rift da Província Tocantins. A Serra está dividida em duas unidades, sendo a “A”, correspondente a 3,16 km² e “B” a 6,1 km² (Imagem 2). A unidade A é composta principalmente por sericita quartzitos, predominantemente laminados, e quartzitos arcoseanos, com níveis de metaconglomerado. Já a unidade B é composta por sericita-clorita xistos, muscovita-quartzo xistos e granada-clorita-quartzo xistos com intercalações de sericita quartzitos (MOREIRA et al., 2008). É importante ressaltar que a Serra Dourada é uma continuidade das bacias do Rio Araguaia e Rio Paranaíba e, nesse sentido, a Serra do Gigante contribui nas drenagens dos córregos Cabrito e Zezinho para o Rio Uru, afluente do Rio das Almas, que pertence à bacia hidrográfica do Rio Tocantins.

Imagem 2: Mapa da Geologia da Serra do Gigante no município de Itapuranga-GO, com divisão das duas unidades



Fonte: CPRM – SIC-FUNMINERAL (2008); Alos Palsar (USGS,2017), elaborado por Lima e Rosa (2020)

Desde 25 de setembro de 2017, a Serra do Gigante foi determinada, por decreto, como uma unidade de conservação municipal: Área de Proteção Ambiental Serra do Gigante. A criação desta unidade teve como o objetivo geral “manter o equilíbrio ambiental existente, e a conservação da biodiversidade, essenciais à manutenção da qualidade de vida da população” (DECRETO nº 670/2017/GPDS). Estruturado em 5 artigos, o Art. 2º prevê uma área de proteção de 926,4223 hectares para a APA. Já o Art. 3º descreve todos os objetivos como por exemplo: a preservação dos remanescentes de mata nativa, bem como a recuperação e proteção de Áreas de Preservação Permanente e a conciliação das atividades econômicas com a preservação ambiental.

No que se refere ao uso e cobertura do solo na Serra do Gigante, é necessário compreender que o solo é constituído por alicive e declive, o que propicia uma diversificação da vegetação. No recorte espacial da APA, segundo Rosa (2020), em declive variando de 647 a 773 metros, pode-se observar uma Formação Florestal. De acordo com Ribeiro e Walter (1998), as formações florestais do cerrado possuem variações, mas com predominância de espécies arbóreas, como por exemplo as matas ciliares e matas de galeria que são concentradas nas proximidades dos cursos hídricos. A mata seca ou cerradão geralmente são concentrados nas regiões altas, fora das proximidades dos cursos hídricos.

A Formação Savânica representa 36% da área, com relevo em alicive variando de 831 a 941 metros (ROSA, 2020). Ela é caracterizada por ter arbustos herbáceos com quatro tipos diferentes de fitofisionômicos. São eles: o cerrado sentido restrito, o parque de cerrado, o palmeiral e a vereda (RIBEIRO; WALTER, 1998), Imagem 3.

Imagem 3: Imagem da vegetação da APA Serra do Gigante



Fonte: Rosa (2020).

Rosa (2020) aponta que no interior da APA são encontrados dois córregos e uma cachoeira, que popularmente ficou conhecida como “Cachoeira do Gigante”, sendo ela o principal alvo de atração do público. A cachoeira é um ponto importante e de destaque da biodiversidade na Serra do Gigante, tanto pelo fluxo de pessoas/visitantes ao local, como também pela biota que vive e necessita deste recurso para a sobrevivência.

Outro ponto de destaque na Serra do Gigante é a vista dos picos da Serra, que apesar de ser pouco visitada e de difícil acesso, permite a observação da vegetação e a contemplação da paisagem da região.

Imagem 4: Vista da “cabeça” do Gigante



Fonte: Rosa, (2020)

Procedimentos metodológicos

A metodologia consistiu em realizar inicialmente um levantamento bibliográfico de trabalhos científicos sobre a região da Serra do Gigante, sendo a dissertação de Rosa (2020) a principal referência utilizada. A segunda etapa consistiu na elaboração de um questionário de opinião pública, com o objetivo de compreender como a Serra do Gigante está inserida no imaginário da sociedade, bem como os aspectos de sua preservação.

O questionário consistiu em 13 perguntas direcionadas aos habitantes de Itapuranga e de municípios circunvizinhos. Ele foi produzido e direcionado à população de forma remota, pela plataforma gratuita *Google Forms*. A aplicação do

Building the way

questionário ocorreu entre o período de 21/10/2022 a 01/12/2022. Destaca-se que o preenchimento do formulário ocorreu de forma voluntária e anônima, tendo como principal objetivo a coleta de dados para a pesquisa em questão. As perguntas realizadas estão demonstradas no quadro 1.

Quadro 1: Perguntas realizadas no questionário de opinião pública

	DESCRIÇÃO DA PERGUNTA:
1	Qual a sua idade?
2	Qual o seu nível de escolaridade?
3	Em qual cidade você mora?
4	Conhece a Serra do Gigante, localizada no município de Itapuranga-Go?
5	Se respondeu "Sim" na pergunta anterior, qual o ponto da Serra do Gigante você já visitou?
6	O que acha da infraestrutura dos pontos visitados?
7	Onde você ouviu falar sobre a Serra do Gigante pela primeira vez?
8	Já ouviu falar em algum mito, ou história sobre a Serra do Gigante? Se sim, qual?
9	Você acha importante a preservação do "Mito" do Gigante da Serra do Gigante? Por quê?
10	Conhece alguma atividade que está sendo realizadas nas intermediações da Serra do Gigante?
11	A Serra do Gigante é uma APA (Área de Proteção Ambiental). Você sabia?
12	Você considera que a APA Serra do Gigante é um elemento que contribui para a valorização da região?
13	Se "SIM" de qual maneira?

Fonte: Elaborado pelos autores

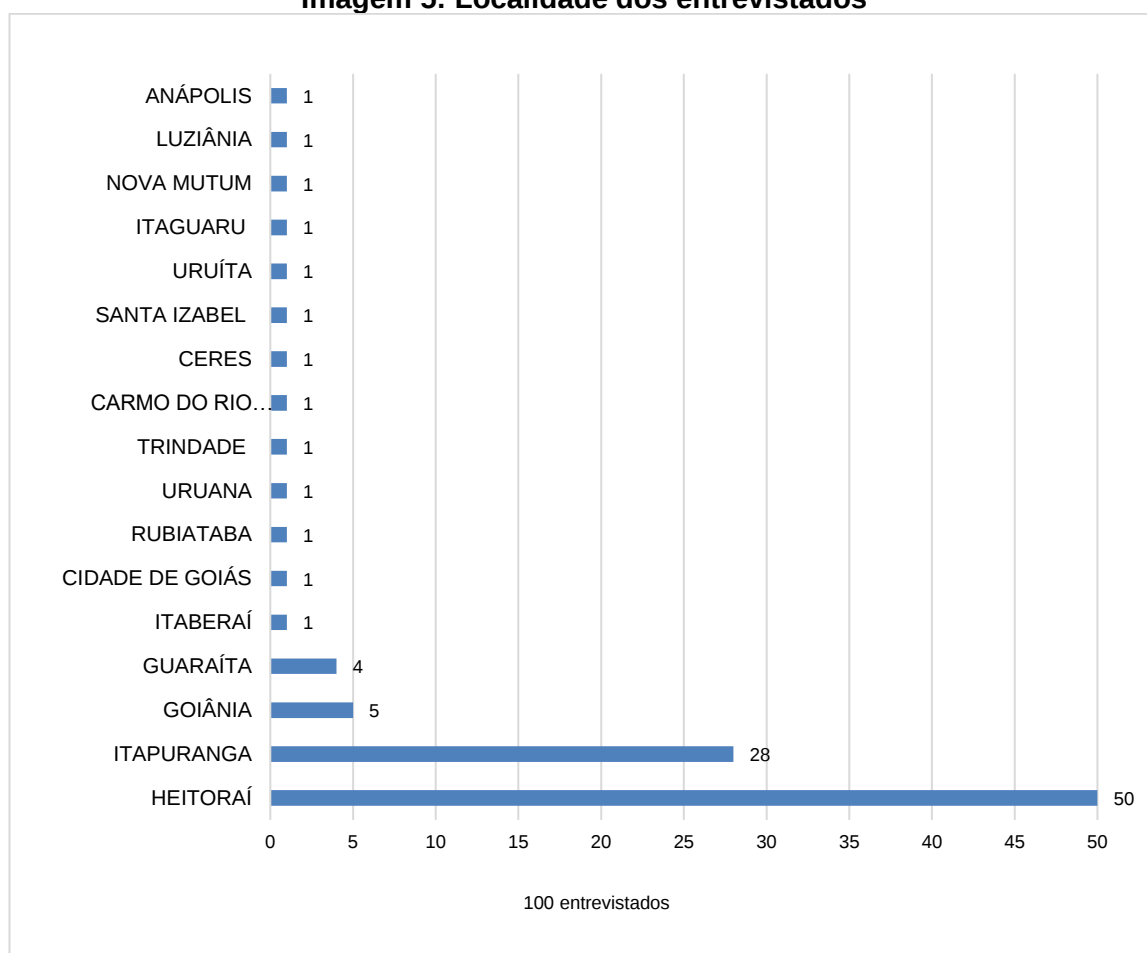
As perguntas de 01 a 03 foram pensadas para anonimamente traçar o perfil do entrevistado; já as perguntas de 04 a 10 foram pensadas para a compreensão de como a Serra do Gigante está inserida na vivência e no imaginário dos entrevistados; as demais perguntas (11, 12 e 13) indicaram o conhecimento e opinião dos entrevistados sobre a APA (Área de Proteção Ambiental).

Foram feitas, também, 04 visitas ao local, para o reconhecimento da área e registro de pontos estratégicos para posterior discussão. Por fim, foi realizada a análise das respostas obtidas pelo questionário que, a partir delas, foi possível tabular os resultados adquiridos para melhor compreensão. Após a análise do questionário e das referências bibliográficas encontradas, foi realizada a discussão dos resultados e suas subsequentes conclusões.

Resultados e Discussão

Com base nos resultados adquiridos a partir do questionário de opinião pública disponibilizado foi possível visualizar o perfil e a percepção de uma pequena parcela da população que vive no entorno da APA da Serra do Gigante. Ao todo, 100 pessoas responderam ao questionário, sendo que 50 % são moradores do município de Heitorai e 28 % do município de Itapuranga. Buscou-se limitar o preenchimento do questionário à população que vive próximo à Serra, porém, houve candidatos de outros municípios que se voluntariaram a responder, conforme observado na figura abaixo (Imagem 5).

Imagem 5: Localidade dos entrevistados



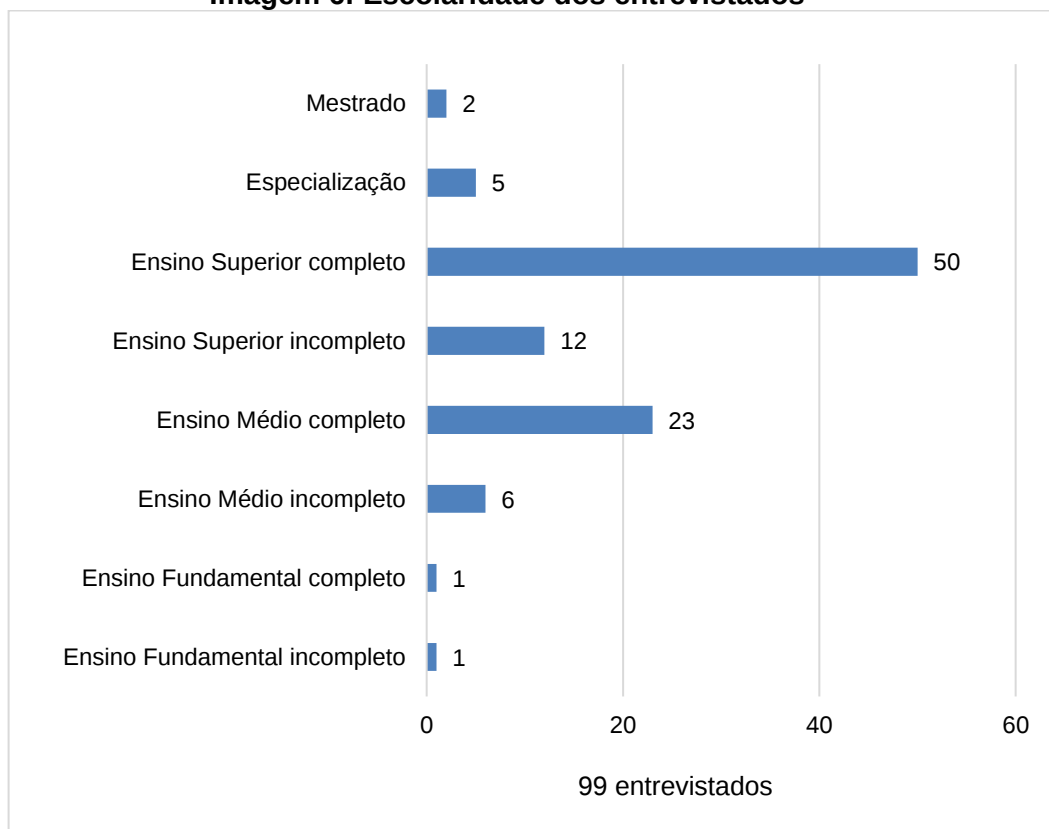
Fonte: Autores (2023). Questionário de opinião pública – *Google forms* “Em qual cidade você mora?”.

Em relação a idade dos entrevistados, 43% disseram ter de 21 a 30 anos, seguidos por 34% com idade entre 31 e 40 anos, 12% entre 15 e 20 anos e 11% com mais de 50 anos. A respeito da escolaridade, a maior parte dos entrevistados (50%),

Building the way

disse possuir o Ensino Superior completo; 23% o Ensino Médio completo e 12% disseram ainda não ter completado o Ensino Superior. A escolaridade dos demais entrevistados pode ser visualizada na imagem 6.

Imagem 6: Escolaridade dos entrevistados



Fonte: Autores (2023). Questionário de opinião pública – *Google forms* “Qual o seu nível de Escolaridade?”.

Em relação às perguntas mais direcionadas ao reconhecimento da área, 66% dos entrevistados afirmaram conhecer o local. Quando questionados sobre onde ouviram falar pela primeira vez da Serra, 54% disseram ter ouvido através de amigos e conhecidos; 27% em casa, pelos familiares; 18% manifestaram respostas variadas; e apenas 1% afirmou que nunca ouviu falar.

Quando questionados em quais pontos já visitaram, 45% disseram que nunca visitaram nenhum ponto. Pelo fato de essa questão ter sido elaborada com proposta de uma resposta livre (sem alternativas para o entrevistado), observa-se que houve divergência entre a pergunta anterior, em que 66% responderam conhecer o local.

Em relação aos locais mais citados, destacam-se a cachoeira e a vista pela rodovia (GO-156), representando 17% e 21%, respectivamente, (Imagem 7). Os

Building the way

demais pontos citados foram: o balneário, o paredão de pedra, e o “corpo” como um todo.

Imagem 7: Pontos mais conhecidos da APA Serra do Gigante



Descrição: Imagem da esquerda: cachoeira do Gigante. Imagem da direita: Vista da Serra do Gigante pela GO-156. **Fonte:** Autores (2022)

Dentre as perguntas, foram questionados se tinham o conhecimento de que a Serra do Gigante está inserida em uma unidade de conservação, sendo classificada como APA. De acordo com as respostas, apenas 57% dos entrevistados afirmou ter conhecimento do fato. Destaca-se que o não conhecimento sobre a Área de Proteção Ambiental onde a Serra do Gigante se encontra é um agravante, uma vez que muitos não têm consciência dos usos e atividades que são permitidos dentro da unidade, o que pode ocasionar diversos impactos.

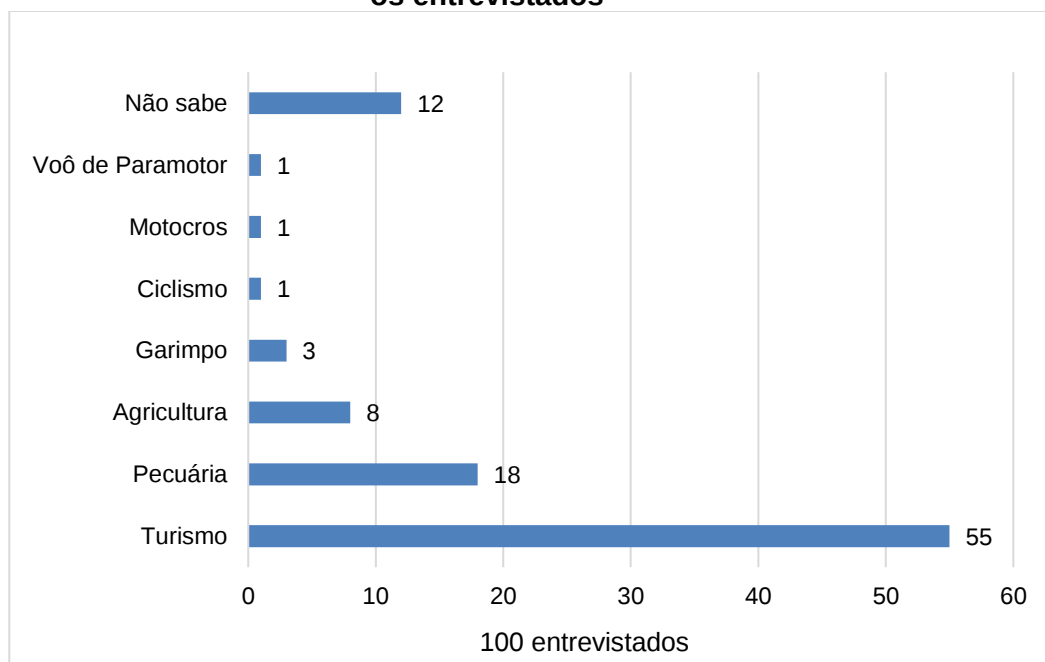
Segundo Arruda (1999), a ausência de conhecimento por parte das populações se deve ao modelo de unidade de conservação adotado no Brasil, onde as autoridades estabelecem uma área, sem que as pessoas que residem nestes locais sejam participantes das tomadas de decisão.

Quando questionados a respeito das atividades desenvolvidas nas intermediações da Serra do Gigante, 55% indicaram as atividades de turismo; 18%

Building the way

apontaram a pecuária e 8% a agricultura. As demais atividades podem ser vistas na figura abaixo (Imagem 8).

Imagem 8: Atividades desenvolvidas no entorno da Serra do Gigante, de acordo com os entrevistados



Fonte: Autores (2023). Questionário de opinião pública – *Google forms* “Conhece alguma atividade que está sendo feita nas intermediações da Serra do Gigante?”

De acordo com os dados do questionário, a principal atividade desenvolvida no local, e de conhecimento de parte da população, é o turismo, o qual, conforme mencionado, é impulsionado pela presença da cachoeira do Gigante. No entanto, já foram vistas outras atividades sendo praticadas no local, a exemplo do ciclismo, o motocross e voo de paramotor.

A agricultura e a pecuária também tiveram destaque entre as respostas, representando 8% e 18%, respectivamente. Conforme os dados do Projeto MapBiomass (2022), em 2021, cerca de 26% (2,42 km²) da área foi mapeada como mosaico de agricultura e pastagem. Convém destacar que apesar da área ser uma unidade de conservação, ela é classificada como de uso sustentável que permite realizar atividades como a agricultura em seu interior, uma vez que seja considerada a conservação da natureza e o uso sustentável dos recursos naturais (SNUC, 2000).

Quando questionados se possuem conhecimento de algum mito sobre a Serra do Gigante, 70% dos entrevistados negaram conhecer. Já aqueles que conheciam, 15% narraram o mito de que um gigante teria adormecido no local, por

Building the way

isso a serra teria esse formato; e os demais entrevistados descreveram outros mitos, descritos a seguir:

“Sim, a serra trás várias histórias e uma delas é da Índia que foi abandonada pelo amado. Com o sofrimento, ela chorou por diversas noites e dias formando a cachoeira do gigante”

“Sim, a história que em uma determinada data não me lembro muito bem, algumas pessoas da região falavam que depois da meia noite, saia do meio da Serra do Gigante um bezerro de ouro flutuando e que pra você conseguir pegá-lo ou conseguisse você teria que cortar alguma parte do corpo pra passar sangue no bezerro pra tê-lo em seu poder!!”

“Sim, período do dilúvio foi moldando até ficar em formato de um homem.”

“Sim, ouvi dos antigos, na serra havia muitas árvores com o nome de “Maria perdida” quem passasse por baixo dela, se perdia, ficava dando voltas sem encontrar o vinho de volta.”

“Sim. Desde criança ouvi falar que a serra era toda coberta de ouro. E ainda, meu cunhado tirou uma foto da serra a alguns anos atrás e na foto ampliada vê umas sombras parecendo guinomos e fadas etc. Eu tenho essa fotografia. Meu falecido cunhado ficou impressionado.”

“Que na serra mora uma família de gigantes kkkkk.”

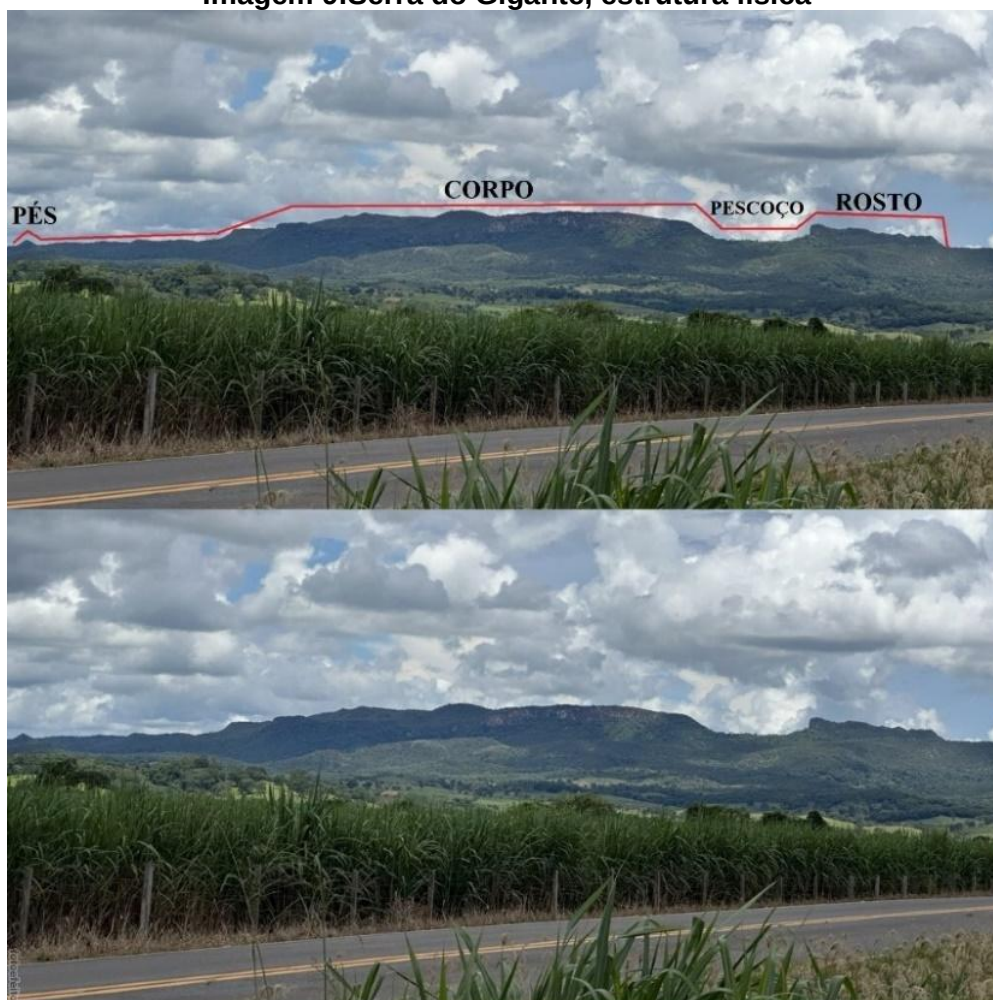
Rosa (2020) destaca que a história da origem do nome “Serra do Gigante”, segundo os moradores tradicionais, deu-se após um menino se deitar e adormecer, tornando-se o gigante adormecido, o “guardião” da cidade de Itapuranga. Ressalta-se que, além dos aspectos físicos da paisagem natural, a paisagem cultural também é símbolo de proteção dos povos antigos e das gerações posteriores, que cresceram e crescerão ouvindo-a e vendo-a (ROSA, 2020). Isso se relaciona aos estudos sobre memória de Pollak (1989), ao afirmar que “lembranças individuais e de grupos durante dezenas de anos, [...] são transmitidas no quadro familiar, em associações, em redes

Building the way

de sociabilidade afetiva e/ou política”, (POLLAK, 1989, p. 3-15). Ou seja, o mito de ser um menino que se deitou e adormeceu, transformando-se em um gigante, segue sendo propagado de gerações em gerações, talvez porque remete ao afetivo que, evidentemente, faz parte da cultura local. Na imagem 9, é apresentada a fotografia da Serra do Gigante, em que são demonstradas suas formas que exemplificam a estrutura “física” de uma pessoa.

306

Imagem 9: Serra do Gigante, estrutura física



Fonte: Autores (2023)

Por fim, a última pergunta do questionário foi se consideram a APA da Serra do Gigante um elemento que contribui para a valorização da região. De acordo com as respostas, 96% dos entrevistados acham que ela contribui, sim, para a valorização da região. Destaca-se que a valorização vai além do aspecto econômico, mas abrange o aspecto natural e cultural. E para isso, Drummond *et al.* (2017) salienta que a criação de uma área de proteção ambiental contribui com a

conservação da paisagem, o que pode exercer influência na motivação para visitação e engajamento de turistas e moradores em ações em prol da valorização ambiental. Isto pode contribuir, assim, para uma maior valorização da área no futuro e consequente aporte de apoio para a gestão da área, em termos de políticas públicas, parcerias, entre outros (DRUMMOND *et al*, 2017, p. 25).

Considerações finais

307

Conforme as contribuições de Claval (2012), a paisagem do enquadramento ou janela escolhida como o recorte espacial desta pesquisa, foi a APA da Serra do Gigante (GO). O recorte deve-se tanto a um desejo de infância da autora, residente de Itapuranga, em conhecer e pesquisar sobre a serra, como também pela pouca quantidade de estudos no local.

Conforme os resultados do questionário de opinião pública, a maioria dos entrevistados possuem idade de 21 a 30 anos, curso superior completo, a maior parte mora em Heitorai ou em Itapuranga. 66% dos entrevistados conhecem a Serra, e apenas 57% disseram saber que a Serra é uma APA, ou seja, nem todos que conhecem a Serra do Gigante têm o conhecimento que ela é uma unidade de conservação. Dentre os 100 entrevistados, 70% disseram não conhecer o mito, e 15% descreveram o mito do menino que se deitou, adormeceu e tornou-se o gigante adormecido. O restante dos entrevistados trouxe informações a respeito de outros mitos não tão conhecidos. Essas respostas evidenciaram a ideia de que, de fato, os mitos são passados de geração em geração, e retratam o valor afetivo das famílias e das comunidades.

Quando questionados sobre a contribuição da APA da Serra do Gigante para a valorização da região, 96% disseram concordar que ocorre esta valorização. Porém, destaca-se que, se não houver por parte dos órgãos públicos uma ampla divulgação da existência desta unidade territorial, dificilmente será efetiva sua consolidação e, por fim, sua preservação.

Conclui-se que a Serra do Gigante, além de compor a paisagem natural da GO-156 pela presença de sua exuberante geodiversidade, é, também, palco de algumas histórias mitológicas, que ecoam no imaginário da população e são passadas de geração em geração. Desta forma, compreende-se que a paisagem na Serra do Gigante além de natural, é também cultural.

REFERÊNCIAS

ARRUDA R. “Populações tradicionais” e a proteção dos recursos naturais em unidades de conservação. In: **Ambiente & sociedade**, n. 5, v. 2, São Paulo: 1999. p.79-92.

BERTRAND, G. Paisagem e geografia física global: esboço metodológico. In: **Cadernos de ciências da terra**. n. 13. São Paulo: Instituto de Geografia da USP, 1972.

BORGES, Amanda Alves. **Essa experiência na Chapada dos Veadeiros transformou minha vida**: viajantes em busca espiritual na natureza, estudo sobre Alto Paraíso de Goiás (2021). 2022. 228 f. Dissertação (Mestrado). Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

CASTRIOTA, Leonardo. **Patrimônio cultural**: conceitos, políticas, instrumentos. São Paulo: Annablume. Belo Horizonte: IEDS, 2009.

CASTRO, Janio Roque Barros. Geografia e narrativas míticas: Possibilidades dialógicas. In: **Geograficidade**, n. 1, v. 9, Niterói: UFF. 2019. p. 43-56.

CLAVAL, Paul. A paisagem dos geógrafos. In: LOBATO, Roberto; ROSENDAHL, Corrêa Zeny (Org.). **Geografia cultural**: uma antologia, Rio de Janeiro: SciELO-EdUERJ, 2012.

DANNI, J. C. M; DARDENNE, M. A; FUCK, R. A; RIBEIRO, M. J. Geologia da extremidade sudoeste da região da Serra Dourada – GO. In: **Revista Brasileira de Geociências**, n. 3, São Paulo: USP, 1973. p. 160-80.

DRUMMOND, B.; PEREIRA, P. R.; FERNANDES, A. S. O olhar para o potencial turístico como elemento agregador em estudos de criação de Unidade de Conservação. In: **Caderno Virtual de Turismo**, n. 1, v. 17, Rio de Janeiro :UFRJ, 2017. p. 16-19.

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos**: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. Trad. Sonia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo, 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/itapuranga/pesquisa/23/22107?detalhes=true>>. Acesso em: 27 jan. 2023.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. (Brasil). Portaria n.º 127 - 30 abr. 2009. Estabelece a chancela de Paisagem Cultural Brasileira. Brasília, 2009. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Portaria_127_de_30_de_Abril_de_2009.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2023.

Building the way

MATOS, Glays Rodrigues; MARIN, Joel Orlando Bevilaqua. Agricultores familiares e sistemas de produção de frutas em Itapuranga, Goiás. In: **Pesquisa Agropecuária Tropical**, n. 3, v. 39, Goiânia: UFG. 2009. p. 197-206.

MOREIRA, M. L. O.; MORETON, L. C.; ARAUJO, V. A.; LACERDA-FILHO, J. V.; COSTA, H. F. **Geologia do Estado de Goiás e Distrito Federal**. Goiânia: CPRM/SIC – FUNMINERAL, 2008. 141p.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**, n. 3, v. 2, n. 3, Rio de Janeiro: UEL. 1989. p. 3-15.

PROJETO MAPBIOMAS – Coleção 7 da Série Anual de Mapas de Cobertura e Uso da Terra do Brasil. Disponível em: <https://mapbiomas.org/colecoes-mapbiomas-1?cama_set_language=pt-BR>. Acesso em: 08 nov. 2022.

RIBEIRO, J. F.; WALTER, B. M. T. Fitofisionomias do Bioma Cerrado. In: SANO, S. M.; ALMEIDA, S. P. de; RIBEIRO, J. F. (Org.). **Cerrado: ecologia e flora**. Planaltina: EMBRAPA-CPAC, 1998.

RIBEIRO, Maurício Andrés et al. Gestão da água e paisagem natural. In: **Revista da Universidade Federal de Minas Gerais**, n. 2, v. 20, Belo Horizonte: UFMG. 2013. p. 44-67.

ROSA, Daniela Almeida. **Potencialidade paisagística da Serra do Gigante em Itapuranga/GO**. 2020. 103 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2020.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SCIFONI, Simone. Paisagem cultural. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Org.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016.

SNUC. Sistema Nacional de Unidades de Conservação; Lei 9.985 de 18 de julho de 2000. Ministério do Meio Ambiente. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9985.htm>. Acesso em: 01 mar. 2023.